

Prefácio

EMÍLIA ARAÚJO & EDUARDO DUQUE

Hoje, o senso comum e senso científico parecem convergir na afirmação do aumento da velocidade, da multiplicidade e da simultaneidade de tempos e de temporalidades. Mas, o que são realmente processos temporais? O que há de realmente novo nas sociedades contemporâneas e nas suas estruturas temporais? Como reagem as instituições aos tempos macrosociais e individuais? Com efeito, a organização das sociedades inclui diversas formas de percepção, uso e adaptação ao tempo social e ao tempo natural. De forma global, pode-se afirmar que o tempo é vivido, experimentado e manipulado e assume diversas formas e interpretações, conforme os contextos culturais e sociopolíticos. A principal configuração de tempo que conhecemos nas sociedades ocidentais radica no tempo mecânico, o tempo abstrato do relógio e outros instrumentos e formas de medição. Esta dimensão do tempo é fulcral para nos percebermos como civilização porque é fundamental entender a centralidade histórica do controlo do tempo, da disciplina do tempo, da absoluta necessidade de redução os compassos de espera de (na) produção que caracteriza o capitalismo globalizado do tempo pós medieval ao presente. As ciências sociais falam-nos deste tempo. Do tempo medível, usado, trocado e administrado. Do ritmo convencional que suplanta, gere e domina os ritmos naturais.

Mas, o tempo é um fenómeno múltiplo, transversal e complexo. E essa multiplicidade de configurações mostra que o seu alcance socioantropológico está muito para além da possibilidade de ser mensurado, apreciado e analisado: fenomenologia, etnometodologia e construtivismo demarcaram-se pela importância que atribuíram ao tempo como elemento constituinte da identidade individual e coletiva.

Heidegger referia, em *O conceito de tempo*, que “o relógio mostra-nos o agora, mas nunca nenhum relógio mostrou o futuro nem o passado. Todo o medir do tempo consiste em conseguir fazer do tempo uma quantidade”. O filósofo sustentava que o carácter medível do tempo permitia ao indivíduo situar-se na ação do mundo. Mas que o tempo possui outras dimensões, incluindo a que situa o indivíduo perante a vida e a finitude desta. E toda a vida dependente da vida- no-tempo, imensurável. Afinal, como lembra Maria Zambrano, o tempo “não tem uma estrutura simples, de uma só dimensão. Passa e fica. Ao passar torna-se passado, não desaparece. Se desaparecesse totalmente não teríamos história”. Por isso, o tempo é novidade, continuidade, herança e (re)constituição. Memória. Expectativa. Esperança.

Santo Agostinho, nas *Confissões* tinha já levado a questão até ao ponto de perguntar se o espírito não será ele mesmo o tempo. E aí deixou a questão: “Em ti, espírito meu, meço o tempo; a ti meço, ao medir o tempo. Não me venhas com a pergunta: como é isso?”. O confronto com o tempo é insuprível. Mais cedo ou mais tarde ele está aí. Rasga, como uma flecha, a história e estoura nas nossas mãos. O tempo é transversal a toda a narrativa do

humano e social, porque também se procura como um *sentido*, por mais efémero ou *imperecível* que se apresente.

Nas sociedades modernas, as transformações nos modos de uso, representação e valorização do tempo atingem as estruturas mais profundas da atividade humana e institucional, manifestando-se de múltiplas formas nas tomadas de decisão, na organização e planificação institucional, nas interações e na construção das identidades individuais e colectivas.

Vários dos objectos de estudo nas ciências sociais e humanas incluem a problematização do tempo, enquanto elemento central da experiência social. Hoje, a análise dos fenómenos temporais e das mudanças nas temporalidades retoma debates sobre formas de legitimação e de justificação política e estende-se desde as esferas mais imediatas da vida quotidiana (expressas pelo tempo de trabalho e pelo de lazer), até às temporalidades megas sociais, relacionadas com o questionamento da relação entre o mundo natural e o mundo social, a reprodução, a mudança e a persistência.

Como se observa, o tempo impõe várias interrogações às ciências sociais e humanas e em diversas perspectivas. O labor que demanda, como objeto, recurso, dimensão e categoria social exige um trabalho longo, de persistência redobrada. Foi com o objetivo de assinalar a relevância do tempo para as ciências sociais que se iniciou este ano, em conjunto com a associação portuguesa de estudos do tempo e sociedade um debate sobre os tempos sociais e o mundo contemporâneo.

O seminário teve como objetivo proporcionar o debate sobre a diversidade dos tempos e das temporalidades sociais, perspectivando, por um lado, a coexistência de múltiplas temporalidades, por outro, uma análise dos modos de intervenção institucional e política que caracterizam os universos de acção contemporâneos. Neste livro reúnem-se várias comunicações apresentadas, na expectativa de, no futuro próximo, ser possível agendar o II seminário.

Os conteúdos dos textos e as formas de expressão encontradas, incluindo imagens, são da responsabilidade dos respectivos autores.